

Identificação de Situações de *Bullying* em uma Escola de Londrina-PR

Identifying Bullying Situations in a School in Londrina-PR

Bruna Rezende Teixeira^a; Janaina Mazzer Salinet^a; Laira Cristine Estabile^a;
Solange Maria Beggiato Mezzaroba^a; Paulo Guerra Soares^a

^aUniversidade Norte do Paraná. Curso de Psicologia. PR, Brasil.

*E-mail: pauloquati@gmail.com

Resumo

O termo *bullying*, no contexto escolar, indica um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro, causando dor, angústia e sofrimento. O objetivo do estudo foi identificar situações de bullying em um colégio estadual de Londrina-PR. Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário objetivo. Participaram da pesquisa 34 crianças e adolescentes de uma escola estadual. Os resultados indicaram que situações de bullying são frequentes na escola, assim como apontaram os tipos mais comuns de maus-tratos e os agressores mais frequentes. Estes resultados indicam a necessidade de intervenções que se proponham a evitar e/ou interromper os episódios de bullying que ocorrem na escola e a conscientizar aos pais e professores/diretores, devido às consequências nocivas que podem causar tais episódios, em curto e longo prazo.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Educação.

Abstract

The term bullying, in the school context, means a set of aggressive, intentional and repetitive behavior, without apparent motivation, adopted by one or more students against another, causing pain, anguish and suffering. The goal of the study was to identify bullying situations in a State School in Londrina, Paraná. A multiple choice questionnaire was used as a research instrument, which was responded by 34 children and adolescents from a State School. Results showed that bullying situations are frequent in the school, as well as the most common types of cruelties and most frequent types of bullies are pointed out. These findings show the need of interventions to prevent and/or discontinue bullying episodes in the school, and the parents and teachers' awareness, due to the harmful consequences that such episodes might cause in a short or long term.

Keywords: *Bullying*. School. Education.

1 Introdução

Relatos sobre violência escolar têm sido muito frequentes, nos últimos tempos, tanto na literatura especializada como na mídia e no discurso de professores em todos os níveis de escolaridade. Ao tratar deste tema, a tendência é imaginar imediatamente cenas de violência explícita. Entretanto, outra forma de violência tem chamado a atenção dos profissionais da educação: aquela que se apresenta de forma velada, porém persistente, o *bullying* (FANTE, 2005; LEÃO, 2005; LOPES NETO, 2005; OLWEUS, 1993).

Apesar de ainda ser visto por algumas pessoas como “brincadeiras típicas da idade”, o *bullying* tem se destacado como um fenômeno causador de uma série de danos ao ambiente escolar, tanto físicos quanto psicológicos, atingindo milhares de alunos. Ao contrário do que muitos imaginam, esse tipo de comportamento não ocorre somente em escolas de periferia. Ele se faz presente em todas as escolas, públicas (municipais, estaduais ou federais), particulares, ricas ou pobres (FANTE, 2005).

O termo *bullying* deriva-se do inglês *bully*, que pode ser traduzido como “valentão”, “tirano”. Por definição

universal, *bullying* indica um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento (FANTE, 2005; LEÃO, 2005; LOPES NETO, 2005; OLWEUS, 1993). De acordo com Middelton-Moz e Zawadski (2007), o *bullying* consiste em atos cruéis e deliberados de intimidação ou ameaça, com a intenção de adquirir poder e controle sobre outros ao infligir sofrimento psicológico e/ou físico, deixando suas vítimas com sentimentos de vulnerabilidade, medo, vergonha ou baixa autoestima.

As consequências do *bullying* afetam tanto os agressores quanto as vítimas e em todos os níveis. Destacam-se aqui as consequências para a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos por um período muito longo, que pode até mesmo ir muito além do período escolar. A superação dos traumas causados pelo fenômeno poderá ou não ocorrer, dependendo da história de vida de cada um e do repertório comportamental construído. Geralmente, a experiência traumatizante nos indivíduos os orienta de modo a comportar-se mais em função de evitar novos traumas do

que para buscar sua superação. Fante (2005) afirma que a vítima poderá também manifestar comportamentos agressivos ou depressivos e, ainda, sofrer ou reproduzir a prática do *bullying* no seu local de trabalho, posteriormente. Ela poderá desenvolver diversas reações com sintomatologias de natureza psicossomática (enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaleia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse, depressão, pensamentos de vingança e suicídio), bem como reações comportamentais, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas. Em casos extremos, as vítimas praticam o suicídio.

O agressor muitas vezes vivencia a sensação de concretização de suas condutas autoritárias, resultando no distanciamento e na falta de adaptação aos objetivos escolares, na valorização da violência como forma de obtenção de poder, no desenvolvimento de habilidades para condutas delituosas posteriores, podendo tornar-se uma pessoa de difícil convivência, com grande propensão a adotar comportamentos delinquentes e a envolver-se com a criminalidade (FANTE, 2005).

Os primeiros estudos sistemáticos sobre o *bullying* foram realizados na Noruega, na década de 1980, conduzidos por Dan Olweus, após investigar o suicídio de três adolescentes e concluir que o ato fora motivado por humilhações frequentes que sofriam na escola. Por exemplo, Olweus (2004) utilizou um questionário composto por questões objetivas, com o propósito de caracterizar as origens, formas e consequências do *bullying* no ambiente escolar. Os resultados indicaram que cerca de 30% dos estudantes já haviam sofrido *bullying* em algum momento. Pesquisas realizadas em Portugal, Espanha e Inglaterra apontam resultados semelhantes (NOGUEIRA, 2005). Cerezo (2009, p.392), por exemplo, realizou uma pesquisa sobre as situações de *bullying* na Espanha, de 1990 a 2006. Os resultados dessa pesquisa indicaram que o *bullying* “ocorre em todos os centros escolares estudados, sendo que o nível de incidência atual gira em torno de 23%”. Outra pesquisa (WOLKE *et al.*, 2001) comparou estudantes da Inglaterra e da Alemanha, utilizando um mesmo instrumento. Os resultados indicaram a ocorrência de casos de *bullying* em ambos os países, ainda que a maior ocorrência tenha sido identificada na Inglaterra (24% contra 8%).

No Brasil, uma pesquisa realizada pela ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2004) identificou que 40,5% dos estudantes entrevistados admitiram estar envolvidos, de alguma forma, com episódios de *bullying* escolar (como vítimas ou como autores). A pesquisa realizada por Malta *et al.* (2009) identificou que cerca de 30% dos estudantes entrevistados haviam sido vítimas de situações de *bullying*, resultado semelhante aos do estudo de Fisher (2010), que também aponta que 28% dos estudantes entrevistados foram vítimas de situações de *bullying*.

Os resultados das pesquisas da literatura – tanto nacionais quanto internacionais - indicam ainda que as práticas mais comuns de *bullying* consistem em colocar apelidos e realizar agressões (tanto físicas como psicológicas). É possível identificar, ainda, que a grande maioria dos atos de *bullying* acontece na sala de aula ou no pátio do colégio, com percentuais menores ocorrendo no portão e nos corredores, e são cometidos por estudantes do sexo masculino (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2004; NIKODEM; PIBER, 2011).

A partir da constatação de que o *bullying* pode produzir consequências nocivas tanto em curto quanto em longo prazo, entender como se dá a ocorrência destas situações no ambiente escolar pode ser muito importante para o arranjo de estratégias de intervenção e conscientização tanto dos alunos quanto dos pais e professores (LOPES NETO, 2005; MALTA *et al.*, 2009). Neste sentido, o objetivo da presente pesquisa foi identificar, por meio de um questionário objetivo, situações de *bullying* escolar (frequência, locais, tipos mais comuns de maus tratos, etc.) em uma escola estadual da cidade de Londrina-PR.

2 Material e Métodos

2.1 Participantes e local

Participaram da pesquisa 34 crianças e adolescentes (28 do sexo feminino e 6 do sexo masculino), alunos do sexto ao nono ano de uma escola estadual da cidade de Londrina-PR. Todos os participantes foram convidados a participar individualmente. Antes do início da coleta de dados, os pais preencheram e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os questionários foram aplicados coletivamente em uma sala de aula do colégio, previamente arranjada.

2.2 Instrumento

Foi utilizado um questionário baseado em Olweus (1994). Cada questionário era composto por 12 questões objetivas, que continham de três a sete alternativas cada uma. É importante ressaltar que, em algumas questões, os alunos poderiam assinalar mais de uma alternativa.

3 Resultados e Discussão

3.1 Relacionamento dos alunos com seus pares e professores

De modo geral, a maioria dos alunos, cerca de 65%, ressaltaram que há uma boa relação com os colegas em sala de aula. Outros 35% descreveram sua relação com os colegas como “nem boa, nem ruim”. Nenhuma criança ou adolescente relatou ter relacionamentos ruins com os colegas. Condizente com esta constatação, grande parte das crianças ou adolescentes afirmou ter de dois a quatro amigos (44%) ou mais de cinco amigos (44%). O percentual de crianças que relataram ter apenas um ou nenhum amigo foi de aproximadamente 12%. A maioria dos alunos (cerca de 53%) também relatou que nunca se sentiu sozinho em situações em que os amigos não quiseram inclui-los. Casos esporádicos

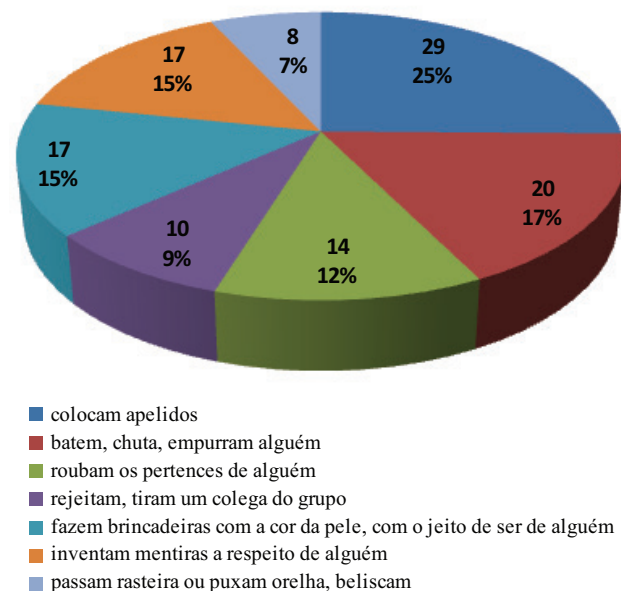
(apenas uma vez o estudante se sentiu sozinho) parecem ser mais comuns (cerca de 29%) do que recorrentes (o aluno se sentiu sozinho algumas vezes – cerca de 18%).

O questionário permitiu avaliar, também, a visão que as crianças e adolescentes tem do tratamento empregado por seus professores. A grande maioria (cerca de 68%) das crianças e adolescentes relatou que é bem tratada pelos professores. Cerca de 26% das mesmas relatou que não são nem bem, nem mal tratadas, enquanto a minoria (aproximadamente 6%) relatou que os professores os tratam mal.

3.2 Natureza, motivação e frequência de episódios de *bullying* na escola

A Figura 1 mostra os tipos mais frequentes de *bullying* relatados pelos alunos participantes da pesquisa. Houve 29 relatos sobre o ato de colocar apelidos, o que torna esta prática a mais comum, de acordo com a visão das crianças e adolescentes (25% das respostas). Depois, aparecem as práticas de bater, chutar ou empurrar (17%), seguidas pelo ato de inventar mentiras (15%) e fazer brincadeiras com a cor da pele ou o jeito de ser (também 15%). Práticas como roubar (12%), rejeitar o colega (9%) e passar rasteira ou puxam orelha e beliscam (7%), também foram citadas, ainda que menos frequentemente.

Figura 1: Porcentagem e número absoluto de práticas de *bullying* mais frequentes no colégio, de acordo com a visão dos alunos



Fonte: Dados da pesquisa

Também foi perguntado aos estudantes por que eles achavam que os outros alunos cometiam *bullying*. Na visão dos alunos, os principais motivos que levam os agressores a cometerem este tipo de maus-tratos são: (a) “gostar de rir dos outros” (39%); (b) “porque são provocados” (30%); e (c) “porque são mais fortes” (19%).

Os alunos relataram ainda que episódios de maus-tratos são relativamente frequentes no colégio: aproximadamente

62% deles relatou que estes episódios aconteceram de vez em quando, enquanto 29% indicaram que ocorrem todos os dias. Apenas 9% dos alunos relatou que não acontecem episódios de maus-tratos na escola.

3.3 Autores e locais onde o *bullying* costuma ocorrer

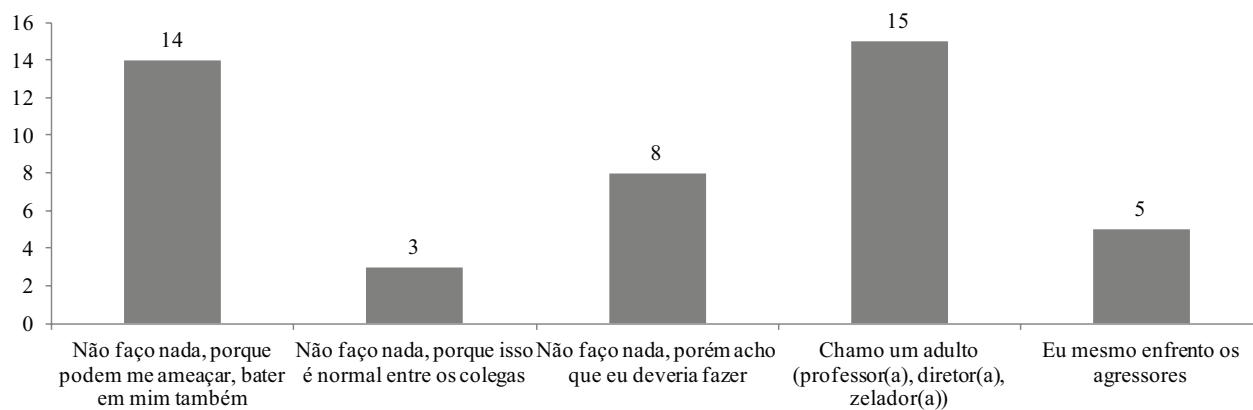
Ao serem questionadas sobre as classes nas quais estariam os alunos que cometem o *bullying*, as opiniões ficaram divididas. Houve 26 relatos indicando que os alunos os quais cometem *bullying* estudam na mesma classe, enquanto outras 19 afirmações indicaram que os alunos que cometem maus-tratos estudam em outras classes.

Quando questionadas sobre quem seriam os praticantes do *bullying*, a grande maioria (76%) relatou que os maus-tratos são praticados por um menino ou um grupo de meninos. 14% dos alunos sugeriu que os maus-tratos são praticados por um grupo misto de meninos e meninas, enquanto apenas 8% apontaram um grupo composto apenas por meninas como responsável pelos maus-tratos. Os alunos indicaram ainda que parece haver uma diversidade de locais onde os episódios de maus-tratos ocorrem. Ainda que a maioria (45%) dos casos ocorra em sala de aula, houve relatos de episódios de maus-tratos ocorrendo no pátio, no banheiro e na rua.

3.4 O que os alunos fazem quando identificam as situações de maus-tratos?

Foi perguntado aos alunos, primeiramente, se, quando identificadas situações de maus-tratos no colégio, alguém tenta impedir que continuem ocorrendo. Na maioria dos casos (44%), o professor foi indicado pelos alunos como sendo o principal responsável por interromper as situações de maus-tratos. Parece haver também casos em que outro colega (aproximadamente 22%) interfere no sentido de evitar os episódios. Mas houve ainda alguns relatos (cerca de 22%) nos quais os alunos indicam que ninguém toma qualquer atitude para interferir na situação de maus-tratos.

A Figura 2 mostra as atitudes mais comuns que são assumidas pelos alunos quando se encontram na presença de um amigo ou colega sendo maltratado. 33,3% das respostas indicam que os estudantes tendem a contar com a ajuda de um adulto (professor, por exemplo). Outros 31% preferem, por medo, se abster de tomar qualquer atitude. Houve ainda alguns relatos (bem menos frequentes) de estudantes que não fazem nada, mesmo achando que deveriam (18%); de estudantes que enfrentam os agressores (11%); e de alunos que não fazem nada por achar que maus-tratos são normais entre os colegas (cerca de 7%).

Figura 2: Atitudes mais comuns dos estudantes do colégio frente a situações de maus-tratos

Fonte: Dados da pesquisa.

O objetivo da pesquisa foi identificar a frequência e as características de situações de *bullying* em uma escola estadual da cidade de Londrina-PR. Os resultados da pesquisa foram, de maneira geral, semelhantes aos obtidos em outras pesquisas da literatura. A porcentagem de ocorrência de situações de *bullying* ocorrendo todos os dias na escola onde foi realizada a pesquisa foi de aproximadamente 29% (ainda que tenham sido observados também muitos relatos indicando que as situações de *bullying* podem ser observadas apenas de vez em quando). Outras pesquisas (BANDEIRA; HUTZ, 2010; FISHER, 2010; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2004; NIKODEM; PIBER, 2011) também identificaram altos índices de ocorrência de *bullying* no contexto escolar.

Os tipos de agressões mais frequentes identificados na pesquisa também estão de acordo com aqueles identificados por outras pesquisas: colocar apelidos e agressões físicas estão sempre entre os mais frequentes tipos de maus-tratos que ocorrem na escola (FISHER, 2010; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2004; NIKODEM; PIBER, 2011; OLWEUS, 1993).

Os episódios de *bullying* também ocorrem mais frequentemente nas salas de aula do que em outros locais da escola, como o pátio ou os banheiros (ainda que a pesquisa de NIKODEM; PIBER, 2011 tenha identificado maior frequência de casos de *bullying* ocorrendo no pátio da escola).

Os meninos foram apontados, de maneira geral, como os maiores responsáveis pelos casos de *bullying*. Este dado também pode ser relacionado com o grande número de relatos de agressões físicas (como chutar, bater ou empurrar), pois, como afirma Fante (2005), as formas de *bullying* variam entre meninos e meninas: enquanto os meninos praticam mais violência física, as meninas tendem a isolar, colocar apelidos e inventar mentiras.

Outro dado interessante diz respeito às atitudes dos alunos quando percebem que situações de *bullying* ocorrem. A maioria dos estudantes relatou que não toma qualquer atitude, seja por medo, seja por achar que o *bullying* é normal

no ambiente escolar. De acordo com Lopes Neto (2005, p.167), grande parte dos alunos “não se envolve diretamente em atos de *bullying* e geralmente se cala por medo de ser a próxima vítima, por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola”. Boa parte dos alunos também relatou tomar alguma atitude, como chamar um adulto. Esta pode ser uma medida interessante no combate ao *bullying*, pois, ainda de acordo com Lopes Neto, “Quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações são efetivas na maioria dos casos” (LOPES NETO, 2005, p.168).

4 Conclusão

Os resultados do presente estudo identificaram casos de *bullying* frequentes entre os estudantes da escola na qual a pesquisa foi realizada. Como já foi constatado que as consequências do *bullying* podem ser muito nocivas tanto em curto quanto em longo prazo, este tipo de resultado pode ser importante para alertar a escola (e a sociedade como um todo) sobre a necessidade da implantação de programas de conscientização (como debates e palestras, tanto com os alunos quanto com pais e professores) ou mesmo de intervenção.

A literatura mostra que quando os alunos tomam alguma atitude (como contar aos pais e professores), ou quando a escola se propõe a intervir de alguma forma, o resultado é a diminuição dos episódios de *bullying*. Intervenções que partam dos professores, diretores ou mesmo dos pais podem, dessa forma, ser efetivas.

Neste sentido, cabe apontar também o papel do psicólogo neste contexto. Uma vasta gama de profissionais, especialmente da psicologia da educação, tem se desdobrado em pesquisar e propor intervenções no contexto escolar para evitar ou diminuir as consequências nocivas do *bullying*, tanto em curto quanto em longo prazo. Programas multiprofissionais, como os promovidos pela ABRAPIA, por exemplo, que envolvam psicólogos, pedagogos e profissionais que trabalham nos colégios, podem ser boas estratégias de prevenção e combate ao *bullying* escolar.

Referências

- BANDEIRA, C.M.; HUTZ, C.S. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. *Rev. Sem. Assoc. Bras. Psicol. Escolar Educ.*, n.1, p.131-138, 2010.
- CEREZO, F. Bullying: análisis de la situación en las aulas españolas. *Int. J. Psychol. Psychol. Ther.*, n.9, p.367-378, 2009.
- FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.
- FISCHER, R.M. *Bullying escolar no Brasil: relatório final*. 2010. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/Portals/0/pesquisabullying.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- LEÃO, L.G.R. O fenômeno bullying no ambiente escolar. *Rev. FACEVV*, n.4, p.119-135, 2005.
- LOPES NETO, A.A.; SAAVEDRA, L.H. *Diga não para o bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2004.
- LOPES NETO, A.A. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *J. Pediatr.*, n. 81, p.164-172, 2005.
- MALTA, D.C. et al. *Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)*, 2009. *Ciênc. Saúde Coletiva*, n.15, p.3065-3076, 2010.
- MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M.L. *Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- NIKODEM, S.; PIBER, L.D. Estudo sobre o fenômeno bullying em escolas de ensino fundamental e médio da região noroeste do RS. *Vivências*, n.12, p.105-121, 2011.
- NOGUEIRA, R.M.C.D.P. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. *Rev. Iberoam. Educ.*, n. 37, 2005.
- OLWEUS, D. *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell, 1993.
- OLWEUS, D. Annotation: bullying at school: basic facts & effects of a school-based intervention program. *J. Child Psychol. Psychiatry*, n.35, p.1171-1190, 1994.
- WOLKE, D. et al. *Bullying and victimization of primary schoolchildren in England and Germany: Prevalence and school factors*. *Br. J. Psychol.*, n.92, p.673-696, 2001.